

RELEVÂNCIA DOS DOCUMENTOS PESSOAIS DE FRANKLIN JOAQUIM CASCAES PARA A CULTURA CATARINENSE¹

Ana Paula Gomes

Graduanda no Curso de Arquivologia UFSC
gomes-ana@hotmail.com

Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva

Docente do Departamento de Ciência da Informação UFSC
ana.oliveira@ufsc.br

Resumo: O artigo objetiva investigar as contribuições dos documentos pessoais de Franklin Joaquim Cascaes para preservação da memória da cultura catarinense. Para tanto, utiliza os documentos pessoais sobre a sociedade, crença, tradições da Ilha da Santa Catarina e seus arredores disponíveis no Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARQUE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), denominada Coleção Professora Elizabeth Pavan Cascaes. O estudo tem como fundamento teórico o construcionismo social e a interdependência entre os indivíduos. Trata-se de pesquisa do tipo qualitativa, exploratória que adota como estratégia metodológica pesquisa bibliográfica e documental. Conclui que o levantamento e divulgação do acervo podem trazer benefícios para a disseminação da memória cultural e histórica da sociedade catarinense.

Palavras-chave: Franklin Joaquim Cascaes. Documentos Pessoais. Memória. Cultura Catarinense.



1 INTRODUÇÃO

O registro do passado tem como objetivo evitar o esquecimento. Esses registros podem ser representados por documentos pessoais de personagens ilustres que de alguma forma contribuíram para a história social e cultural de uma coletividade.

¹ Banca de qualificação do TCC: Aline Carmes Kruger/UFSC (aline.kruger@ufsc.br) e Graziela Martins de Medeiros/UFSC (graziela.m@ufsc.br). Orientadora responsável: Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva/UFSC (ana.oliveira@ufsc.br)

Seu conjunto forma a Memória Patrimonial. Muitas dessas memórias estão presentes em locais denominados pelo historiador Nora (1993, p.12) como “lugares de memória”. Esses lugares são os Arquivos, Museus, Bibliotecas e Centros de Documentação, que objetivam a preservação dos acervos para prover o acesso para fins de pesquisa das informações ali resguardadas.

Levando em consideração a importância da guarda e preservação da memória, cabe discutir a questão da preservação e da relevância de uma documentação particular. Desta forma, o tema a ser pesquisado relaciona com os documentos pessoais (Cadernos e Manuscritos) de Franklin Joaquim Cascaes, que atestam a importância das memórias desta personalidade para a história catarinense.

As obras de Franklin Joaquim Cascaes são fundamentais para a compreensão da história e cultura de Santa Catarina. Professor, pesquisador, folclorista, escultor, ceramista, gravurista, escritor prestigiado por suas contribuições que ajudaram a manter vivas ainda hoje histórias referentes à cultura dos povos que passaram pela ilha de Santa Catarina e seus arredores. Nascido e criado em Florianópolis, foi um apaixonado pelas crenças e histórias locais. Desta forma, desenvolveu trabalhos e exposições com temas voltados à tradição deixada pelos colonos açorianos, histórias que envolviam o povo do litoral catarinense e as comunidades pesqueiras.

Esses trabalhos podem ser vistos em sua coleção, que se encontra no Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARQUE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), denominada Coleção Professora Elizabeth Pavan Cascaes, uma homenagem do artista a sua esposa, que integra o acervo de cultura popular. No Museu são preservados os “manuscritos de Franklin Cascaes, num total de 124 cadernos escolares pequenos, mais 22 cadernos grandes e 476 manuscritos em folhas avulsas ou agrupadas numa quantidade máxima de 15 páginas, escritos à caneta esferográfica, caneta tinteiro e grafite” (GHIZONI, 2011, p.26), registros da vida e pesquisas de Franklin Joaquim Cascaes.

O estudo baseado nas memórias pessoais de Franklin Joaquim Cascaes pode trazer ainda contribuições históricas desconhecidas da nossa cultura e da vida desse artista.

Surge assim a questão da pesquisa: quais contribuições os documentos pessoais de Franklin Joaquim Cascaes podem oferecer para a preservação da memória da cultura catarinense?

Neste sentido, o artigo objetiva investigar a contribuição dos documentos pessoais de Franklin Joaquim Cascaes, que se apresentam disponíveis no MARquE, para a preservação da memória da cultura catarinense. Para tanto, foram estabelecidos objetivos específicos: a) Coletar informações sobre a vida e obra do artista; b) Levantar os documentos pessoais de Franklin Joaquim Cascaes disponíveis no MARquE; c) Verificar as informações presentes em alguns documentos levantados; d) Investigar a relação desses registros para a importância da preservação da memória da cultura catarinense.

Trata-se de estudo de abordagem qualitativa, exploratória que utiliza pesquisa bibliográfica e documental no acervo localizado no Museu já mencionado. Será realizado por meio de pesquisa indutiva a fim de compreender ainda outras contribuições do artista para a conservação da memória.

Pretende-se destacar outros aspectos que enfatizam a relevância de Franklin Joaquim Cascaes para a história de Santa Catarina, personalidade responsável por contar e registrar as crenças e tradições da Ilha de Santa Catarina. Esta pesquisa é pertinente também por oferecer um registro no âmbito da Ciência da Informação acerca deste artista local representativo por suas contribuições acerca da preservação da memória coletiva de um povo.

2 CONCEITOS RELEVANTES: SOBRE O AUTOR, ARQUIVOS PESSOAIS E MEMÓRIA

Cada pessoa em particular guarda para si documentos que contam a sua história de vida, como certidão de nascimento, boletins de escola, diplomas, fotografias, documentos de trabalho, papéis, etc. Esses documentos, quando reunidos numa grande massa

documental podem contar a trajetória de um indivíduo, formando assim o seu arquivo pessoal. Esses acervos pessoais preservam sua memória, de sua família e sociedade em que está inserido.

Como a proposta da pesquisa é investigar a contribuição dos documentos pessoais de Franklin Joaquim Cascaes, que se apresentam disponíveis no MARquE, para a preservação da memória da cultura catarinense, cabe a seguir explicar sobre o artista demonstrando por meio de sua trajetória o seu interesse pelo registro da história da Ilha de Santa Catarina. Em seguida, mediante pesquisa bibliográfica, são tratados conceitos acerca dos arquivos pessoais, quando começaram a ser valorizados e a questão da importância de preservá-los. Finalizando, apresenta-se uma reflexão sobre a memória demonstrando o papel da mesma para a preservação da história da sociedade.

2.1 FRANKLIN JOAQUIM CASCAES

Estudando a cronologia histórica da vida do artista, nota-se que Franklin Joaquim Cascaes realmente não poderia ter escolhido outro caminho para seguir em sua trajetória. Ghizoni (2011), Krüger (2011), Medeiros (2011) revelam que o artista nasceu no município de São José, no bairro de Itaguaçu (hoje pertencente ao município de Florianópolis - SC), no dia 16 de outubro de 1908 - filho mais velho de doze irmãos, seus pais eram Joaquim Serafim Cascaes e Maria Catarina Cascaes, descendentes de açorianos. Moravam em uma fazenda perto do mar, e teve sua infância ligada aos signos da Ilha como os pescadores, olarias, benzeduras, imagens sagras da Igreja Matriz de São José (GHIZONI, 2011; KRÜGER, 2011; MEDEIROS, 2011).

Desta forma nota-se que o universo de Franklin Joaquim Cascaes recebeu uma dimensão cultural oriunda dos açorianos desde sua infância. Esse convívio de Cascaes com a cultura popular açoriana em sua infância prevaleceu por toda sua vida. Aos vinte e seis anos de idade ingressa na Escola de Aprendizizes Artífices (atual Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC) convidado por Cid Rocha Amaral que já tinha conhecimento do talento do artista. Na escola teve início a sua formação acadêmica onde foram elaborados

algumas de suas obras (GHIZONI, 2011; KRÜGER, 2011; MEDEIROS, 2011). Tais obras hoje se encontram no Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral e estão organizadas e identificadas pela temática.

Ao término de seus estudos, em 1941, é admitido como professor coadjuvante de desenho e escultura dentro da própria Escola de Aprendizes Artífices, trabalhando neste local até sua aposentadoria. Em meio ao seu trabalho, Cascaes não deixou de se preocupar em buscar, preservar e contar as histórias e memórias da Ilha como diz o próprio artista em entrevista prestada à Gelci José Coelho:

[...] fui procurar rever as coisas de tradição. Como já estava aqui na Ilha, morando e trabalhando, achei mais fácil percorrer esta Ilha usando toda a espécie de condução, canoa, de lancha, de cavalo, de pé, carreta, carroça, de automóvel não porque o automóvel não penetrava, e eu mesmo não tinha automóvel e recursos financeiros para adquirir, mas conversando com pescadores com pequenos lavradores (CASCAES, 1981 *apud*, GHIZONI, 2011, p.41).

Desta maneira começou a desenvolver e criar modelos usando seu estilo próprio. Isso se deu conforme uma série de estudos e pesquisa de campo. Neste momento ele conhece uma de suas maiores incentivadoras, sua esposa Elizabeth Pavan Cascaes, com quem se casou em 1944, tinha o papel de “auxiliar efetiva em suas pesquisas” (MEDEIROS, 2011, p.125).

Em 1945 é efetivado como professor de Desenho na Escola Industrial de Santa Catarina (hoje Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina – CEFET) e em 1946 inicia suas pesquisas, ao redor da Ilha. Ele registra por meio de entrevistas a memória dos moradores sobre a cultura, as crenças e vivências do dia a dia, transcrevendo tudo em seus cadernos, desde contos, orações, benzeduras, falas, crendices, receitas e muitos outros temas.

Em 1948 fez curso de desenho na Escola Técnica Nacional do Rio de Janeiro, em 1957 frequentou o curso de Museologia, o que o ajuda bastante na preservação de suas obras que eram guardadas em sua casa. (GHIZONI, 2011; KRÜGER, 2011).

Neste momento de sua vida, o artista passa por um processo de mudança de foco criativo. Com a modernização que estava passando a Ilha de Santa Catarina, nesse período Franklin Joaquim Cascaes começou cada vez mais em se preocupar com a preservação dos signos da Ilha (GHIZONI, 2011; KRÜGER, 2011; MEDEIROS, 2011).

Ele acreditava que a modernização estava acabando com a cultura açoriana e, desta forma, Cascaes buscava registrar em seus cadernos tudo o que via e ouvia relacionados a cultura catarinense. Influenciado pelo “Primeiro Congresso Catarinense de História” comemorativo do bicentenário da colonização açoriana, cujo objetivo principal era a valorização da memória da cultura açoriana, ao qual foram apresentadas monografias versando a história do Estado. Cascaes não foi convidado para participar do evento, pois suas obras não eram aceitas como um trabalho de pesquisa científica pelos historiadores da época. Porém para o artista esse Congresso teve relevância pela “repercussão e desdobramentos [...] que sinalizava para uma afirmação do legado deixado pela cultura de origem açoriana, motivando-o a seguir adiante” (MEDEIROS, 2011, p.61-62).

Na data de 30 de abril de 1971 falece sua esposa Elizabeth Pavan Cascaes e após esse acontecimento o artista deixa de lado, durante um tempo, o seu trabalho por tristeza dessa perda. Mas passado esse momento de luto ele retoma seu trabalho na mesma intensidade de antes (GHIZONI, 2011; KRÜGER, 2011; MEDEIROS, 2011).

No ano de 1974 Cascaes por meio um convênio entre a Prefeitura Municipal e a Universidade começa a trabalhar no Museu da UFSC, “trazendo consigo toda a sua produção e dando continuidade até o final de seus dias” (ARAUJO, 2008 *apud*, GHIZONI, 2011, p. 42). Em 1981 Cascaes doa toda sua obra ao Museu.

Na data de 15 de março de 1983, Franklin Joaquim Cascaes falece em Florianópolis, e todas as suas obras e documentos pessoais são transferidos em sua totalidade ao Museu (GHIZONI, 2011; KRÜGER, 2011; MEDEIROS, 2011).

Nota-se por sua trajetória que Cascaes foi muito influenciado por querer retratar a memória da Ilha e seus arredores. Porém, quando adulto, seu interesse é reforçado pelas boas lembranças das brincadeiras de criança e histórias que ouvia de bruxas e assombrações dos mais velhos. Para Cascaes a cultura de Florianópolis estava desfalecendo conforme acontecia a sua urbanização e o registro da memória vinha de encontro com a necessidade de preservação do legado cultural da Ilha de Santa Catarina (GHIZONI, 2011; KRÜGER, 2011; MEDEIROS, 2011).

2.2 ARQUIVOS PESSOAIS

Em seu livro “*Descrição e pesquisa: Reflexões em torno dos arquivos pessoais*”, Oliveira (2012) destaca que os arquivos pessoais ganharam sua importância na França na segunda metade do século XIX, quando ocorreu a queda do Antigo Regime e houve sequestros por toda parte dos bens do clero e de nobres. Seu reconhecimento veio pelo interesse histórico, pelo entendimento de que faziam parte do patrimônio nacional. Países como Reino Unido, Estados Unidos e Canadá começaram a olhar os documentos pessoais como documentos de interesse público, que precisavam ser preservados. O trabalho dos historiadores mantinha vivo o interesse nos arquivos pessoais nesse período.

Atualmente os arquivos pessoais são

mais valorizados pelos indivíduos e pelas famílias que os mantêm por razões altamente pessoais de identidade, memória e valor sentimental, não o sendo pelas instituições e pesquisadores em geral, essa situação passa agora por uma mudança e esta mudança precisa ser bem acolhida, bem entendida e devidamente sustentada (COX, 2008 *apud*, BELLOTTO, 2014, p.207).

Para Oliveira (2012, p. 24), “os arquivos pessoais, no campo da Arquivologia, têm ocupado um espaço de discussão teórico pouco privilegiado”. O autor atribui “essa situação ao próprio lugar em que os documentos produzidos e acumulados pelos indivíduos

ocuparam e ainda ocupam no âmbito das instituições com vocação para a preservação dos registros da sociedade”.

Pode-se observar nas palavras dos autores (BELLOTTO, 2006; CAMARGO, 1998; OLIVEIRA, 2012) que os arquivos pessoais passaram por mudanças em relação a sua valorização. Se antes um documento pessoal era somente preservado com intenção de resguardar a memória de um indivíduo ou uma família, hoje ao atribuir os valores esses acervos podem representar de forma legítima a história da sociedade. Além disso, também podem auxiliar no melhor entendimento sobre a obra de um artista ou estudioso.

No livro de D’iorio (2014), por exemplo, a partir dos escritos informais de Friedrich Nietzsche e de pessoas com quem o autor se relacionava, foi possível ampliar a compreensão do impacto de uma viagem feita ao norte da Itália sobre sua filosofia em determinado momento de sua vida, bem como, outros aspectos da obra do autor.

Arquivos pessoais são os “papéis produzidos/recebidos por entidades e pessoas físicas de direito privado [...] sendo papéis ligados à vida, à obra e às atividades de uma pessoa” (BELLOTTO, 2006, p.256). Ou ainda pode-se dizer que são os “documentos acumulados por uma pessoa ao longo de sua existência” (CAMARGO, 1998, p.171). Esses papéis recolhidos podem ser “de qualquer cidadão que apresente interesse para a pesquisa histórica, trazendo dados sobre a vida cotidiana, social, religiosa, econômica, cultural do tempo em que viveu ou sobre sua própria personalidade e comportamento” (BELLOTTO, 2006, p.256), ou seja, são os “registros de seu papel na sociedade” (OLIVEIRA, 2012, p.33).

Desta forma, os arquivos pessoais subsidiam o desenvolvimento da pesquisa histórica, científica ou tecnológica, de interesse público e preservação do patrimônio nacional. Conforme Oliveira (2012, p.31, grifo nosso) os arquivos pessoais e familiares passaram a se destacar a partir do momento que foram compreendidos como “patrimônio a ser preservado pela sociedade, ou seja, quando foi **reconhecido o seu valor para o estudo histórico** e como **registro da memória** da nação”.

Conforme esses critérios estabelecidos aos arquivos pessoais como de interesse artístico, científico e social cabe aos meios institucionais de custódia a sua guarda, tratamento e preservação. Esses meios institucionais também conhecidos como “lugares de memória” (título dado por Pierre Nora conhecido pelos seus trabalhos sobre memória e patrimônio cultural), podem ser Arquivos, Bibliotecas, Museus e Centros de documentação, sendo nesses três últimos os documentos pessoais são chamados de coleção ou também manuscritos.

Oliveira (2012, p. 31) enfatiza que manuscritos se referem “aos papéis históricos ou literários dos arquivos pessoais ou de família” e coleção aquilo que:

implica na reunião intencional de documentos sem a marca da produção natural e sem a explicitação da relação orgânica entre os documentos e entre as atividades que os geraram. A coleção pode ser inclusive temática, e o seu próprio tema pode ser uma pessoa ou uma família. A coleção constitui-se como uma obra de colecionador e é de sua responsabilidade a reunião do conjunto desses documentos, que seguem os critérios determinados por suas escolhas. (OLIVEIRA, 2012, 31).

Essa diferença pode modificar o tratamento dos documentos pessoais nos meios institucionais. Na Arquivologia os documentos seguem os princípios da organicidade e naturalidade e esses princípios deixam claras as relações pelos quais passam os documentos mantendo a sua organização original facilitando, assim, a compreensão da origem do documento até a sua destinação final. Desta forma, podemos concluir com Oliveira (2012, p.36) que

se não for possível identificar o produtor do arquivo e tão pouco as conexões naturais entre os documentos, estamos diante de uma coleção. Um conjunto de documentos que foi reunido sobre um tema, uma pessoa, uma família etc., em decorrência de um processo artificial de coleta efetuado por um colecionador.

Isso implica também no objetivo do Arquivo, que é o de provar e testemunhar fatos e acontecimentos e o objetivo nas Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus é o de instruir, informar ou entreter (BELLOTTO, 2006, p. 43).

Independente do local mantenedor, os documentos de arquivos pessoais devem ser preservados como fonte de informação da memória individual servindo como base para estudos relacionados à coletividade social. Por meio desses documentos podemos entender as variáveis vividas pelas pessoas em diferentes épocas, seus modos de pensar, costumes, crenças, estudos esses referentes às mudanças de identidade social.

2.3 MEMÓRIA

Para Le Goff (2003, p.419) memória remete “em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Nora (1993) destaca que memória é a vida, está em permanente evolução aberta à lembrança e ao esquecimento.

Elias (2001, p.40) enfatiza que cabe aos vivos a preocupação com a continuidade de sua história possibilitando a existência dos mortos na memória dos vivos.

O que sobrevive é o que ela ou ele deram às outras pessoas, o que permanece nas memórias alheias. Se a humanidade desaparecer, tudo o que qualquer ser humano tenha feito, tudo aquilo pelo qual as pessoas viveram e lutaram, incluídos todos os sistemas de crenças seculares e sobrenaturais, torna-se sem sentido (ELIAS, 2001, p.77).

A memória tratada pelos autores pode ser voluntária ou involuntária. A memória involuntária é aquela que “mostra um mundo memorial guardado no esquecimento, prestes a se revelar, a mostrar o peso das lembranças, também pessoais e coletivas, apropriadas pelo indivíduo a partir de um repertório ampliado, coletivamente tecido” (PINTO, 1998 *apud* FREITAS, 2002, p.42).

As memórias involuntárias precisam de algo que despertam no pensamento as lembranças, de algo que um dia foi esquecido. Esse “esquecimento definitivo, atribuível a um apagamento dos rastros, ele é vivido como uma ameaça: é contra esse tipo de esquecimento que fazemos trabalhar a memória, a fim de retardar seu curso, e até mesmo imobilizá-lo” (RICOEUR, 2007, p.435).

Conforme Freitas (2002, p.45) “lembrar e esquecer são atividades que não dizem respeito só ao passado, mas estão ligadas ao passado/ presente/ futuro”. Dependendo do que queremos lembrar ela pode não vir pura e intacta, como ocorreu exatamente, e sim pode sofrer alterações ou serem manipuladas por nosso cérebro conforme vamos lembrando os acontecimentos. Isso pode acontecer sem que a pessoa acredite estar criando uma falsa memória. Podemos sem querer mudar fatos que aconteceram em nossa vida por trauma, por exemplo, e realmente acreditarmos nessa lembrança. Esse tipo de memória pode criar na consciência individual uma realidade específica de um momento específico. Como cada pessoa tem experiências diferentes de uma mesma realidade isso pode ocasionar “múltiplas realidades” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.38).

Já memória voluntária, segundo Halbwachs (2006) é um conjunto de representações vividas e produzidas por grupos sociais, são as interações entre eles que formam a memória coletiva e o seu suporte é o indivíduo. Para o autor a memória coletiva é dependente da memória individual. Sendo que a memória individual representa a memória coletiva. Ou seja, a memória ela “serve como âncora para identidades individuais e coletivas” (SCHMIDT, 2008, p.191). Quando vários indivíduos participam de uma mesma biografia as experiências individuais dessas pessoas podem se incorporar a um acervo único e comum do conhecimento.

Para Tedesco (2004, p. 74) em seu livro “*Nas cercanias da memória*”, o sentido de coletividade que o documento tem vem definido por meio da memória patrimonial que “pode ter uma dimensão coletiva, no sentido de patrimônio cultural, artístico, linguístico e de normas de convivência”. Essa memória patrimonial tem como característica a “mercantilização da cultura”, a

necessidade que a sociedade tem de querer construir uma biografia que transmita um senso de continuidade de registro da história, ou seja, algo que ajude a contar a história de um povo, de um local e da própria sociedade. Ainda afirma Tedesco (2004) que a memória patrimonial dá subsídio para a construção social da memória.

Esses conjuntos de memórias podem contar a história de uma sociedade, porém, para tanto é necessária sua preservação. A preservação da memória é algo que vai “estancar o tempo e evitar que o passado se perca” impedindo assim o seu esquecimento. Por este motivo guarda-se de tudo para prevenir o “medo da amnésia”. Desta forma podemos dizer que cada indivíduo arquiva a própria vida por medo do esquecimento. Escrevemos, anotamos, filmamos, fotografamos, guardamos tudo para não correremos o risco da “amnésia”. Essa necessidade de guardar coisas vem como uma preocupação constante de resguardar a identidade da sociedade que irá garantir sua sobrevivência. Esse sentido de identidade é algo que une as pessoas e pode garantir a sobrevivência das mesmas (SCHMIDT, 2008, p.188).

Relevante destacar que um documento por si só (individualizado) pode não representar nada para a sociedade. Desta maneira é preciso dar um sentido, um valor a ele que justifique sua guarda. Esse sentido pode ser representado como tudo que uma pessoa faz que tenha significado não somente para ela, mas também para os outros e gerações futuras (ELIAS, 2001, p.41).

Para Le Goff (2003, p. 535) “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” cultural. A institucionalização da “memória de determinado grupo [...] implica o reconhecimento e interesse em manter como sua memória” (TEDESCO, 2004, p.76). Para que isso aconteça é necessária a atribuição de valores nos documentos, que para Tedesco (2004, p.76), a história, por meio da “restauração interpretativa”, é que vai determinar “o valor de uso político, ideológico, econômico e cultural” dos documentos. Na linguagem da Arquivologia o documento é criado com o objetivo de prova ou testemunho, ou seja, já nasce com os valores intrínsecos que justificam sua guarda.

Desta maneira, ao retratar o papel do arquivo como local para preservação de documentos pode-se dizer que estes ganham um sentido de imortalidade, evitando assim “a ideia da morte afastando-a de nós tanto quanto possível” (ELIAS, 2001, p.7) por meio dos artifícios da preservação documental arquivística. Na perspectiva do arquivo isso se torna importante para que se tenha o acesso à informação, servindo como fontes de pesquisa dos historiadores das sociedades passadas e sua transmissão cultural da informação para gerações futuras. Esta ideia de torna os documentos imortais cabe para assegurar a história da sociedade.

3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

O fundamento teórico deste estudo é pautado no construcionismo social elaborado a partir das ideias de Berger e Luckmann (1985) e dos estudos sobre a interdependência entre os indivíduos de Elias (1994). Os dois fundamentos estão envolvidos no contexto da sociologia do conhecimento e abordam questões que se relacionam com a sociedade em seu contexto dinâmico de construção da realidade e na interação e interdependência entre os sujeitos. Tal fundamento se relaciona com este estudo porque trata a atuação da sociedade a vida de Franklin Cascaes e de sua atuação sobre a sociedade, em especial, catarinense. Como metodologia destaca-se como pesquisa do tipo qualitativa, exploratória, com base na pesquisa documental e bibliográfica e levantamento dos documentos pessoais localizados no MARQUE.

3.1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE E A INTERDEPENDÊNCIA ENTRE OS INDIVÍDUOS: CONTRIBUIÇÕES PARA A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO ESTUDO.

A sociedade é formada por “uma porção de pessoas juntas” (ELIAS, 1994, p.13), individuais que coletivamente são chamados de homens sociais. A sociedade só existe porque existem pessoas, sendo sociedade um produto das relações humanas de interação e comunicação interpessoais. Portanto, essa rede de relações que as

pessoas desempenham uma com as outras é a que chamamos de sociedade.

Essas relações entre os indivíduos “existe unicamente como produto da atividade humana” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.76) e nela, os indivíduos estão conectados por redes invisíveis de relações mútuas e normas pré-definidas de convivências. “É assim que cresce o indivíduo: partindo de uma rede de pessoas que existam antes dele para uma rede que ele ajuda a formar” (ELIAS, 1994, p.35).

Como a sociedade é formada por pessoas e como cada qual pode representar uma realidade de natureza diferente, a sociedade também sofre as suas peculiaridades. Cada indivíduo vive em um tipo de sociedade que foi designado ao qual nasceu e cresceu, e dessa maneira sofre as influências sociais estabelecidas que o molda de acordo com a estrutura e história daquela sociedade. (BERGER; LUCKMANN, 1985)

A sociedade é formada por um grupo de pessoas que ao longo da história transfere suas tradições e linguagens as gerações futuras, onde “cada ser humano é criado por outros que existiam antes dele; sem dúvida, ele cresce e vive como parte de uma associação de pessoas, de um todo social” (ELIAS, 1994, p.19). Tal estoque de conhecimento é transmitido por meio da linguagem ou qual “fornece o meio para a objetivação de novas experiências, permitindo que sejam incorporadas ao estoque já existente do conhecimento, e é o meio mais importante pelo qual as sedimentações objetivas são transmitidas na tradição da coletividade em questão” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.96).

Porém, as estruturas sociais são mutáveis, o que é aceito como conhecimento lógico e objetivo pode sofrer alterações e ser transformar-se em novas ideias ou até mesmo ser extintas. Pode-se comprovar tal fato ao comparar uma sociedade da década de vinte com suas formas de pensamentos, estilos de vida e aceitações da época com a sociedade de hoje, muito diferentes. Isso acontece porque o que servia para explicar uma condição social antiga hoje já não se aplica para explicar “adequadamente os fenômenos empíricos imediatos” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.236). Ainda para que

tenhamos dessas mudanças históricas é preciso ter o conhecimento da sua trajetória.

As realidades criadas e aceitas em diversas épocas na sociedade nada mais são do que o conhecimento que é dado como certo que é aceito como verdade pela sociedade, um produto do homem e de sua relação com os demais, relevante para a transformação social. Essas realidades segundo Berger e Luckmann (1985) podem ser representadas pelo senso comum e pela da vida cotidiana que “é produto de um processo sócio-histórico, de uma transformação da estrutura da vida comunitária” (ELIAS, 1994, p. 25). Essa estrutura é formada pela psique humana, sociedade, história e biologia ao qual “são indissociavelmente complementares, só podendo ser estudada em conjunto” (ELIAS, 1994, p.38). Essa realidade predominante se molda e é determinada pelas formações sócio-culturais e somente é aceita como tal porque “o homem produz a realidade e com isso se produz a si mesmo” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 241). Ela também “apresenta-se como uma realidade interpretativa pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.35).

Não se pode “existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.40). Essa comunicação entre as pessoas forma o “conhecimento do senso comum” que nada mais é que “o conhecimento que eu partilho com os outros nas rotinas normais, evidentes da vida cotidiana” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.40).

Um dos princípios da relação entre indivíduo e sociedade está na necessidade e na vontade de pessoas interdependentes. Essa interdependência é formada por indivíduos que estão ligados a outras de forma muito específicas, “numa rede de dependências” (ELIAS, 1994, p.22), aos quais estão conectados seja por laços de trabalho e propriedade ou de instintos e afetos. Dentro dessa rede de dependências convivem os indivíduos isoladamente que pode modificar a sociedade numa ordem e transformação específica. Entretanto existe o questionamento se um ser individual pode causar

sozinho mudanças sociais importantes na história ou as pessoas “são intercambiáveis, não tendo a individualidade pessoal a menor importância na marcha da história” (ELIAS, 1994, p.51).

Conforme Elias (1994, p.48), um ser independente pode fazer escolhas que afetam “seu destino pessoal imediato, ou o de uma família inteira, ou ainda, em certas situações, de nações inteiras ou de grupos dentro delas”, desta forma, um indivíduo tem sua importância na história da sociedade, porque as pessoas exercem influência umas nas outras. Sendo assim a história é formada por indivíduos isolados “cada pequeno passo nessa trajetória foi determinado pelos desejos e planos de pessoas e grupos isolados” (ELIAS, 1994, p. 59) ou até mesmo a história é “um sistema de pressões exercidas por pessoas vivas sobre pessoas vivas” (ELIAS, 1994, p.47).

Elias (1994, 51) enfatiza que o valor das decisões de um indivíduo é importante, mas a sociedade ou “autonomia da rede em que ele atua é incomparavelmente mais forte”. Porque um ser individual é movido pela estrutura da sociedade em que vive.

Essas influências e pressões entre sociedade e indivíduo ocasionam realidades que serão transmitidas e que chegam à nova geração em forma de tradição representada por meio de um universo simbólico.

O universo simbólico ordena a história, é teórica e incontestável com origem em processos de reflexões subjetivas, que depois da objetivação social estabelece as ligações entre as diversas significações. Representadas por meios de objetos e pessoas as sociedades proclamam “as intenções subjetivas de meus semelhantes” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.54). Ou seja,

localiza todos os acontecimentos coletivos numa unidade coerente, que inclui o passado, o presente e o futuro. Com relação ao passado, estabelece uma “memória” que é compartilhada por todos os indivíduos socializados na coletividade. Em relação ao futuro, estabelece um quadro de referência comum para a projeção das ações individuais. Assim, o universo simbólico liga os homens com seus predecessores e seus sucessores numa totalidade de

sentido, servindo para transcender a finitude da existência individual e conferindo um significado à morte individual. Todos os membros de uma sociedade podem agora conceber-se como pertencente a um universo que possui um sentido, que existia antes de terem nascido e continuará a existir depois da morte. A comunidade empírica é transposta para um plano cósmico e tornada majestaticamente independente das vicissitudes da existência individual (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.140-141).

Desta forma questiona-se por que acontece a necessidade da valorização dos objetos subjetivos? Ocorre porque na sociedade existe a necessidade de se criar objetos dotados de significados que expliquem o sentido das coisas.

A mitologia faz parte do universo simbólico que

representa a forma mais arcaica de manutenção do universo, pois de fato representa a forma mais arcaica de legitimação em geral. Muito provavelmente a mitologia é uma fase necessária no desenvolvimento do pensamento humano como tal [...] as mais antigas conceitualizações de conservação de universo de que temos conhecimento são de forma mitológica [...] é suficiente definir a mitologia como uma concepção da realidade que postula a contínua penetração do mundo da experiência cotidiana por forças sagradas (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.149-150).

Essas experiências para terem seu reconhecimento precisam ser biografadas e legitimadas. A biografia é mencionada pelos autores como um conjunto de representações do conhecimento empírico da sociedade que

forma um todo sobre o qual é feita posteriormente uma reflexão nas quais as ações discretas não soam pensadas como acontecimentos isolados, mas como partes relacionadas de um universo subjetivamente dotado de sentido, cujos significados não são particulares ao indivíduo, mas socialmente articulados e compartilhados (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.92).

Constitui uma das ocupações do indivíduo a preservação desse acervo social para a conservação de seu legado. Para Berger e Luckmann (1985) o indivíduo deve manter-se atento em “estado de total vigília” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 38) aos acontecimentos – alguns deles podem virar uma realidade transferida às gerações futuras, desta forma, deve-se, “apreendê-la”, isto é, guardar por meio de instrumentos os fatos e acontecimentos que serão transmitidos. Essa

[...] experiência, tanto biográfica quanto histórica, pode ser objetivada, conservada e acumulada. A acumulação, [...] é seletiva, pois os campos semânticos determinam aquilo que será retido e o que será “esquecido”, como parte da experiência total do indivíduo e da sociedade. Em virtude desta acumulação constitui-se um acervo social de conhecimento que é transmitido de uma geração a outra e utilizável pelo indivíduo na vida cotidiana. (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.62).

Esse pensamento de apreender as coisas já é considerado algo normal e evidente, uma atitude natural do ser humano. Natural porque a história é feita pelas experiências individuais e coletivas desenvolvidas pelas relações humanas aos quais são conservadas para resguardar a identidade da sociedade em que se insere (BERGER; LUCKMANN, 1985).

3.2 METODOLOGIA UTILIZADA

Este estudo faz uma reflexão sobre alguns documentos pessoais de Franklin Joaquim Cascaes e sua contribuição para a preservação da memória da cultura catarinense, ou seja, envolve um interesse local específico.

Caracteriza-se como do tipo qualitativa já que considera, segundo Menezes e Silva (2005, p. 20), uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não

requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. Gil (2002, p.133) aborda ainda que “a análise qualitativa é menos formal do que a análise quantitativa” levando em consideração a subjetividade da pesquisa à análise formal do levantamento se torna necessário.

É descritiva porque “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno” (MENEZES e SILVA, 2005, p.21) em forma de levantamento, envolve pesquisa bibliográfica e documental, sobre memória, documentos pessoais e sobre a vida de Franklin Joaquim Cascaes.

Desta forma, inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico dos temas mencionados e posteriormente, o levantamento e análise de 11 documentos pessoais (entre manuscritos e cadernos) de Franklin Joaquim Cascaes presentes no MARquE. São eles: Caderno 06 (sem data), Caderno 17 (1961), Caderno 54 (sem data), Caderno 60 (sem data), Caderno 76 (sem data), Caderno 86 (1962), Caderno 98 (sem data), Caderno 98 (1956), Caderno 99 (sem data), Manuscrito 262 (sem data) e Manuscrito 926 (1974).

4 RESULTADOS

Os documentos pessoais de Franklin Joaquim Cascaes que estão reunidos no MarquE foram transferidos para a instituição após a morte do artista, no ano de 1983. Esse conjunto documental faz parte da Coleção Professora Elizabeth Pavan Cascaes que conta também com desenhos e esculturas doados pelo artista em vida e algumas poucas fotografias doadas por familiares e amigos.

Como já mencionado anteriormente, as obras do artista foram doadas por ele para o Museu ainda quando era vivo, mas seus documentos pessoais não. Esse processo de recolhimento por parte do Museu e sua documentação atesta a importância que teve o trabalho do artista para a cultura dos catarinenses. Franklin Joaquim

Cascaes já era reconhecido por seus trabalhos em prol da cultura catarinense. Realizava exposições, participava anualmente da montagem do presépio na Praça XV de Novembro. Segundo estudos voltados à arte folclórica da Ilha, era um participante vívido da divulgação cultural catarinense (GHIZONI, 2011; KRÜGER, 2011; MEDEIROS, 2011).

4.1 A PESQUISA NO MUSEU DO MARQUE

Na pesquisa realizada no Museu, o primeiro contato com os documentos da coleção se deu por meio do índice de assunto com informações do local de arquivamento, sua classificação e temáticas presentes em cada caderno e manuscrito. Os temas são os mais variados desde crenças e tradições (bruxas, lobisomem, boitatá, benzeduras, simpatias, boi de mamão, pau de fita, cantigas, festa junina, jogo do bicho, rendeiras, tricô, feitiçarias), temas religiosos (procissões, terno de reis, festa do divino Espírito Santo, presépio, Hospital de Caridade), sobre datas comemorativas (carnaval, natal), cartas aos governantes locais e amigos, explicação de desenhos, sobre os trabalhos dos colonos (pesca, engenhos, serrarias, cerâmica), histórias de Antanho, reflexões sobre acontecimentos e fatos ocorridos na época (reservas florestais, derrubadas de igrejas, sobre a construção do Fortim, industrialização da Ilha, construção das Pontes), dicionários, comida, plantas medicinais, sobre a viagem que fez aos Açores, memórias pessoais, política, rádio, sobre o Museu do MarquE, pessoas (nomes de pessoas), animais e localidades (da Ilha e até mesmo se estendendo a São José) e, também, versos sobre a Ilha de Santa Catarina, arte e suas exposições.

Nota-se a grande variedade de temas abordados pelo artista que envolve áreas da história, sociologia, política, religião, artes e economia oriunda dos povos açorianos, afirmando, desta forma, não só a identidade do artista como da sociedade Ilha de Santa Catarina e mantendo vivas as histórias dos colonos açorianos. Seus registros representam tanto a memória individual quanto a memória coletiva. O intuito de Cascaes era de “servir a comunidade” (CASCAES,

1981, p.43), preservando as memórias das pessoas que viviam na Ilha de Santa Catarina. Durante essa pesquisa foi respeitada a grafia do artista. Os trechos citados são mantidos na sua originalidade.

4.2 POR QUE PRESERVAR OS DOCUMENTOS DE FRANKLIN JOAQUIM CASCAES?

Durante a pesquisa foi observado que há um consenso entre os autores estudados (GHIZONI, 2011; KRÜGER, 2011; MEDEIROS, 2011) que os documentos de Franklin Joaquim Cascaes são legítimos para contar a história daquele período da sociedade florianopolitana. Como mostra o próprio Cascaes em um dos trechos de seus cadernos:

Meus estudos e pesquisas são realizados cuidadosamente nas fontes genuínas da cultura popular do Povo. Portanto, [...] são representantes fiéis de motivos ou cenas das indústrias caseiras, pescas, lavouras, costumes, folguedos, superstições, religiões, etc., vividas nas realidades do poder expressivo das Belas Artes e trabalhos manuais. (CASCAES, Caderno 60, sem data)

Mostra também o cuidado do artista em manter e representar fielmente as memórias culturais. Outro trecho de seu caderno traz a consciência do artista em relação ao motivo de preservar essas histórias:

Cada época tem um modo peculiar de se exprimir. Esta arte pertence a outra geração. [...] Construir uma ponte viva entre o presente e o passado, ou entre o antigo e o moderno. A arte não é privilégio de alguns mas sim resultado de muitos anos de intensa observação e constância e culturação. [...] Se não conhecerdes bem o vosso passado não alimenteis a esperança de construir solidamente para o futuro (CASCAES, Caderno 99, sem data).

No ano de 1948, Franklin Joaquim Cascaes realiza uma pesquisa nos arredores da Ilha de Santa Catarina para registrar por meio da memória individual do povo as histórias locais despertando no pensamento de suas entrevistadas lembranças de suas tradições,

crenças, modo de vida, linguagens e costumes. Assim, segundo o artista, evitava o esquecimento definitivo dessa cultura ao qual “esta Ilha de Santa Catarina, este pedaço de terra que vibra, no coração imenso do Brasil é um repositório de maravilhas tradicionais extraordinárias, que precisa ser amparado” (CASCAES, Caderno 06, sem data).

Pra mim amigo artista, a arte é um caminho inato colocado na vida de alguns indivíduos pelo Criador do Universo e o verdadeiro artista é solitário, mas de dentro dos caminhos da sua solidão arranca os frutos dos acontecimentos regionais do seu tempo e o entrega as massas para que elas o conduzam de geração em geração como um dos mais verdadeiros testemunhos da verdade dos vestígios da humanidade através da passagem dos tempos (CASCAES, Manuscrito 262, sem data).

Franklin Joaquim Cascaes tinha como foco principal as histórias e vivências do povo com o qual ele conviveu, ou que teve alguma ligação direta ou indiretamente com seu universo e registrava tudo em seus cadernos. Em seus documentos há uma carta destinada ao Diretor do Departamento Cultural da Prefeitura de Florianópolis Osvaldo Melo Filho no ano de 1961 declarando sobre a realização de seu trabalho:

como é do conhecimento de V. Excia, senhor Professor, eu venho há muitos anos me dedicando aos estudos que trazem ao coração do Povo as coisas do nosso passado, desde o ano de 1946. Percorri a Ilha de Santa Catarina, e deixei que o meu pensamento se entrelaçasse, mutuamente, com o do Povo humilde e bom, e então adquiri o que possuo escrito, desenhado, esculpido e em trabalhos manuais, para legar à posteridade (CASCAES, caderno 17, 1961).

Esse trecho mostra como Cascaes além de registrar também se preocupava em preservar todo seu material para ser transmitido a futuras gerações.

4.3 O VALOR DOS DOCUMENTOS PESSOAIS DE FRANKLIN JOAQUIM CASCAES

Apesar de ser difícil empregar valores aos documentos pessoais, no caso de Franklin Joaquim Cascaes foi diferente, pois o mesmo já era reconhecido como um artista de valor social e cultural de interesse histórico e público por meio de suas obras. Desta maneira, não houve dificuldade em identificar o valor do seu acervo pessoal e a preocupação por parte do Museu em recolher e preservar também sua documentação.

Molina (2013, p. 167) enfatiza que um documento para ser entendido como patrimônio deve ter representado em seu conteúdo fatos de interesse público e social e registrar “marcos ou dimensões significativas da história social, econômica, técnica ou cultural do país”. Como mencionado pela Lei 8.159 em seu artigo 12, “os arquivos privados podem ser identificados pelo Poder Público como de interesse público e social, desde que sejam considerados como conjuntos de fontes relevantes para a história e desenvolvimento científico nacional”. (BRASIL, 1991).

Desta forma o conjunto documental de Franklin Joaquim Cascaes tem a relevância porque se caracteriza ao descrever o âmbito sócio-cultural de Florianópolis, pois em seu conteúdo revela informações tanto do interesse público como do científico e mostra a realidade da sociedade catarinense daquele período. Também tem seu reconhecimento de valor para o estudo histórico e como registro da memória dos catarinenses.

Isso pode ser verificado ao se pesquisar o acervo que compreendem as seguintes tipologias: cartas, papel jornal, diários de classe, recortes de jornais da época, provas de alunos, cadernos de aula, cadernos de visitas a exposições, cadernos de anotações de Elisabeth Pavan Cascaes. Alguns destes documentos não apresentam datação ao qual não se sabe ao certo o início de sua produção, entretanto, estima-se que ele produziu até a sua morte no ano de 1983. Verifica-se que sua produção textual representa as quatro décadas de 1940 a 1980.

Desta forma, os documentos textuais de Franklin Joaquim Cascaes têm os valores intrínsecos, pois representam a cultura e

história local de um determinado povo de um determinado período, que serve para pesquisa histórica e registro da memória.

4.3.1 Valor cultural nos documentos pessoais de Franklin Joaquim Cascaes

Como já de conhecimento o artista trata sobre bruxas, lobisomens, feitiçeras, boitatá entre outras lendas e mitos. Tais documentos também apresentam entrevistas feitas por Cascaes aos moradores da Ilha onde ele buscava preservar as histórias por meio do registro em seus cadernos. As entrevistas determinam histórias relacionadas tanto ao passado dos moradores como do tempo presente do entrevistado. Como exemplo em um de seus manuscritos ligados a preservação da cultura, figura uma entrevista que Cascaes fez ao Senhor Estanislau Jacinto de Aguiar morador do Saco dos Limões e o Senhor João Joaquim Vieira de Barreiros ao qual trataram sobre a “Dança de Cacumbi”²:

Estes dados sobre a dança de Cacubi foram fornecidos por dois senhores de côr. Senhor Estanislau Jacinto de Aguiar, com 85 anos de idade, residente no caminho da Caeira, - Saco dos Limões. Senhor João Joaquim Vieira, com 79 anos de idade, residente nos Barreiros. Eles foram bastante camaradas para comigo nestas narrativas de coisas do tempo passado [...] Diz o senhor Estanislau que esta dança de cachangá era uma dança de homens de cor que se vestiam com trajes característicos da representação de homens velhos, e que procuravam recordar o tempo da escravidão. (CASCAES, caderno 98, sem data)

² São festas afro-brasileiras, também conhecidas por outras denominações, como Quicumbi, Catumbi ou Ticumbi. Festas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Que envolviam instrumentos musicais, danças e roupas características; exibiam estandartes, coroavam seus reis e rainhas; com trovas e procissões percorriam as ruas das cidades homenageando os oragos de devoção (SILVA, 2013, p.1).

Outro tema cultural muito presente é o ligado à religiosidade encontrado, por exemplo, em uma transcrição de uma benzedura narrada pelo Senhor Rosalino do Pântano do Sul:

Campainha Caída. Abra-te porta e fecha-te. Abra-te pela banda do mar. Si é campainha caída que vorte ao seu lugá. Em nome de Deus e da Virgem Maria Amém. Esta oração deve ser dita três vezes. O paciente deve conservar o dedo polegar dentro da boca que é para ajudar a levantar a campainha durante a benzedura. (CASCAES, caderno 98, 1956)

Apesar de Cascaes ter um grande conhecimento da cultura catarinense, ele não se contentou em registrar apenas o que conhecia. Como cita o artista em um dos seus Cadernos: “venho estudando o folclore na Ilha de Santa Catarina. Meus estudos são feitos na fonte de origem, e eu mesmo tomo parte direta em todos os trabalhos. Sou escultor e desenhista, e gosto de escrever. Liguei os três elementos exemplificando o meu estudo” (CASCAES, Caderno 54, sem data). Evidencia-se a preocupação do artista em manter a legitimação das histórias que registrava.

4.3.2 Valor histórico nos documentos pessoais de Franklin Joaquim Cascaes

Entre os seus documentos Franklin cita personalidades da época como Jorge Lacerda³, Senador Konder⁴ e Oswaldo Rodrigues Cabral⁵ entre outros políticos e personalidades importantes que fizeram parte da história de Santa Catarina.

Outra característica que representa o valor histórico são as críticas do artista sobre o bem cultural, sobre o descaso com a preservação e percepção por parte dos governantes da época,

³ Governador do Estado de Santa Catarina no ano de 1956 a 1958.

⁴ Antônio Carlos Konder Reis senador de Santa Catarina nos anos de 1963 a 1970 e 1971 a 1975.

⁵ Professor Universitário Federal de Santa Catarina além de historiador e político.

revelado em um dos trechos de seu caderno que menciona sobre essa falta de apoio das autoridades:

Não consegui ainda convencer culturalmente os homens que passaram pela Secretaria da Educação de Santa Catarina, de que temos a necessidade de levar a cultura ao Povo. Em todas as exposições que fiz o que observei nos homens responsáveis pelo destino cultural do Nosso Estado foi apenas frieza cultural, exceto em Jorge Lacerda e o professor Jorge Agostinho da Silva. Venho contando sempre, em todas as ocasiões que monto as exposições, a presença de grande cultura do nosso Estado, mas que nada acreditaram puderam fazer em favor do meu único ideal [...] (CASCAES, Caderno 76, sem data).

Outro transcrito que comprova o valor histórico do documento pessoal de Franklin está relacionado à modernização da Ilha, que atribuía a responsabilidade da perda da cultura açoriana como no caso das derrubadas das florestas, demolições de igrejas, mudanças pelas quais sofria Florianópolis no processo de urbanização. Se utilizando do personagem do boitatá, ele mostra a sua indignação a urbanização de Florianópolis:

[...] um boitatá passeando na foz do Rio das Capivaras do Rio Vermelho da Lagoa da Conceição da Ilha de Santa Catarina. Ele contempla o de sambaquis ou Casqueiros ali existentes. A razão dele contemplar estes monumentos históricos indígenas é porque com certeza para as Américas a mesma história que as pirâmides do Egito representam para a Europa e para o mundo. É um pecado cultural-social histórico usar o material destes monumentos para asfaltar ruas e fabricar calde conchas. (CASCAES, Caderno 86, 1962).

Em outro caso, ele trata sobre a perda de monumentos religiosos e seu sentimento em relação a isso em versos:

Lá se foi nossa Capela
Da virgem da Conceição
Pra longe de nosso mundo
Verdadeiro turbilhão

Mas deixou muita saudade
Aqui inriba deste chão

Adeus Capelinha, adeus
Adeus para a eternidade
Onde juntos estaremos
Vivendo a mesma saudade
De nossa mui querida Ilha
Sofrida, sim, de verdade
(CASCAES, Manuscrito 926, 1974).

Cada vez que Franklin Cascaes transcrevia em seus documentos as histórias e memórias do povo ele fazia uma biografia de Florianópolis. Nota-se que as informações presentes em seus cadernos e manuscritos representam o “interesse para a pesquisa histórica, trazendo dados sobre a vida cotidiana, social, religiosa, econômica, cultural do tempo em que viveu” (BELLOTTO, 2006, p. 256). Desta forma servem como complemento para contar a história da Ilha por meio da visão e experiência pessoal do artista que registrou as mudanças sofridas naquele período.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acervo da memória pessoal pode preservar as histórias de uma pessoa (Franklin Joaquim Cascaes) ou da sociedade como um todo (registro realizado por Cascaes em seus cadernos e manuscritos). A memória remete ao passado e é carregada pelos grupos vivos que se alimentam das lembranças para evitar o esquecimento, mantendo a identidade e sobrevivência da espécie humana.

O objetivo geral deste estudo foi investigar a contribuição dos documentos pessoais de Franklin Joaquim Cascaes, que se apresentam disponíveis no MARquE, para a preservação da memória da cultura catarinense e a partir da análise dos dados coletados foram levantadas muitas destas contribuições.

Essas informações descritas em seus documentos representam a memória individual de Franklin Cascaes, sua visão dos fatos e acontecimentos vividos e presenciados por ele durante sua vida e

anteriormente a ela por meio da transmissão da cultura passada por seus familiares e pessoas que conviveram na Ilha. Essa memória individual contada por Franklin é a representação dos grupos sociais com o qual teve contato ao longo de sua vida, que influenciaram o seu ser, fazendo com que esses escritos reunidos representem a memória coletiva da sociedade em questão. Essas memórias constroem a biografia de um povo e formam a realidade predominante que é determinada pelas atividades sócio-culturais que irão determinar e contar a história da sociedade por meio das interações das relações humanas. Antes da cultura escrita, a transmissão da memória se dava por meio das tradições e crenças mediante as relações humanas por meio da tradição oral, transmitida de geração em geração.

Com a massa documental da vida cotidiana e pessoal de Franklin Joaquim Cascaes reunida no MarquE, nessa pesquisa foi possível levantar informações relevantes a respeito das tradições, crenças, vivências, personalidades, mudanças culturais e históricas. Isso tem relevância para a preservação da memória da Ilha de Santa Catarina, conhecida também como “Ilha da Magia”. Essas informações podem trazer bens para pesquisa e levantamentos em respeito de divulgar a cultura e história dos açorianos. Também servem para enriquecer as divulgações locais como curiosidades turísticas e evidenciar uma sociedade que é conhecida pela sua pesca, cultura, religião, misticismo, tradições e crenças. Tais características foram trazidas pelos imigrantes que aqui chegaram e influenciaram o processo de identificação (língua, costumes, neologismo, o modo rápido de falar) que hoje são estimados e reconhecidos mundialmente.

A contribuição dos documentos pessoais de Franklin Joaquim Cascaes para a memória demonstra-se inquestionável no sentido de registro e disseminação da história, na formação da identidade dos cidadãos catarinenses. Conhecer o passado e confrontá-lo com o presente amplia a visão levando-o a aprimorar sua atuação, seus conhecimentos, estreitar cada vez mais os laços entre os povos.

A cultura catarinense teve grande contribuição de Franklin Joaquim Cascaes, artista que soube traduzir, perseguir e registrar a

linguagem cultural. Conhecer os registros de Franklin Joaquim Cascaes é mergulhar na história e cultura catarinense.

REFERÊNCIAS

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes:** tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 320p.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Reconsiderando os arquivos pessoais. **Acervo**, Rio de Janeiro, v.27, n.2, jul./dez. 2014. p. 207-211.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. 248p.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos (Conarq). **Legislação arquivística brasileira.** Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>>. Acesso em: 15 maio 2015.

CASCAES, Franklin. **Vida e arte e a colonização açoriana.** Entrevistas concedidas e textos organizados por Raimundo C. Caruso. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

CASCAES, Franklin. **CADERNO 06.** Sem data. Florianópolis. Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral /UFSC.

CASCAES, Franklin. **CADERNO 17.** 1961. Florianópolis. Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral /UFSC.

CASCAES, Franklin. **CADERNO 54.** Sem data. Florianópolis. Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral /UFSC.

CASCAES, Franklin. **CADERNO 60.** Sem data. Florianópolis. Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral /UFSC.

CASCAES, Franklin. **CADERNO 76**. Sem data. Florianópolis. Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral /UFSC.

CASCAES, Franklin. **CADERNO 86**. 1962. Florianópolis. Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral /UFSC.

CASCAES, Franklin. **CADERNO 98**. Sem data. Florianópolis. Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral /UFSC.

CASCAES, Franklin. **CADERNO 98**. 1956. Florianópolis. Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral /UFSC.

CASCAES, Franklin. **CADERNO 99**. Sem data. Florianópolis. Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral /UFSC.

CASCAES, Franklin. **MANUSCRITO 262**. Sem data. Florianópolis: Acervo do Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral/UFSC.

CASCAES, Franklin. **MANUSCRITO 926**. 1974. Florianópolis: Acervo do Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral/UFSC.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Contribuição para uma Abordagem Diplomática dos Arquivos Pessoais. **Estudos Históricos**, v.11, n. 21, 1998.

D'IORIO, Paolo. **Nietzsche na Itália**: a viagem que mudou os rumos da Filosofia. Belo Horizonte: Zahar, 2014.

c **A sociedade dos indivíduos**. Org. Michael Schöter; Tradução de Vera Ribeiro; Revisão e notas: Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CASCAES, Franklin. **A solidão dos moribundos**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FREITAS, Eliane Martins de. História, memória e esquecimento no filme uma cidade sem passado. **OPIS**, Goiás, v.2, n.2, jul./dez. 2002. p. 35-46.

GHIZONI, Vanilde Rohling. **Conservação de acervos museológicos**: estudo sobre as esculturas em argila policromada de Franklin Joaquim Cascaes. 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 171 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006. 189 p.

KRÜGER, Aline Carmes. **Fragmentos de uma coleção**: as obras de arte em papel de Franklin Joaquim Cascaes. 2011. 280 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003. 544 p.

MEDEIROS, Francisco Emílio de. **As dimensões lúdicas da experiência de infância**: entre os registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes e a memória de infância de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de “Além-Mar”. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2011. 290 p.

MENEZES, Estera Muszkat; SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 4. ed. rev. e atual. Florianópolis: UFSC, 2005. 138 p.

MOLINA, Talita dos Santos. Arquivos privados e interesse público: caminhos da patrimonialização documental. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, nº 2, p. 160-174, jul./dez. 2013.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. In: _____. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n.10, dez. 1993, p. 07-28.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. Arquivo pessoal e seu lugar na arquivologia. In: _____. **Descrição e pesquisa**: reflexões em torno dos arquivos pessoais. Rio de Janeiro: Móbile, 2012. 171 p.
RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Os historiadores e os acervos documentais e museológicos**: novos espaços de atuação profissional. v. 15. Porto Alegre: Anos 90, n. 28, 2008. p. 187-196.

SILVA, Jaime José S. A dança do Cacumbi: novo olhar sobre as festas afro-brasileiras e as vivências do pós-emancipação em Santa Catarina. In: VI Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2013, Florianópolis. **Anais...**, 2013.

TEDESCO, João Carlos. Memória e patrimônio. In: _____. **Nas cercanias da memória**: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004. p. 74-80.

RELEVANCE OF PERSONAL DOCUMENTS FRANKLIN JOAQUIM CASCAES FOR CULTURE CATARINENSE

Abstract: The article investigates the contributions of the personal papers of Franklin Joaquim Cascaes to preserving the memory of Santa Catarina culture. Therefore, uses personal documents on society, belief and traditions of the island of Santa Catarina and its surroundings available at the Museum of Archaeology and Ethnology Teacher Oswaldo Rodrigues Cabral (MarquE) of the Federal University of Santa Catarina (UFSC), called Professor Elizabeth Collection Pavan Cascaes. The study is theoretical foundation social constructionism and the interdependence between individuals. This is qualitative study, exploratory adopting as a methodological bibliographic and documentary research strategy. It concludes that the survey and collection of the disclosure may bring benefits to the spread of cultural and historical memory of Santa Catarina society.

Keyword: Franklin Joaquim Cascaes. Personal Documents. Memory. Santa Catarina Culture.

Originais recebidos em: 09/08/2015

Aceito para publicação em: 17/09/2015

Publicado em: 20/10/2015